

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: desafios e possibilidades.

Maria Luján Mattiauda¹

RESUMO:

Com este artigo trazemos a discussão sobre a formação de professores de Línguas Estrangeiras e o ensino destas línguas na atualidade. A base teórica apóia-se na extensa discussão sobre formação de professores, visando à prática crítico-reflexiva para o ensino de línguas. O presente estudo justifica-se principalmente pela crítica que faz à formação de meros reprodutores de técnicas de ensino, priorizando a formação reflexiva de professores de línguas estrangeira como é necessário atualizarmos da nossa formação. Refletimos também sobre a situação de nossos jovens assim como o passo por nossa educação superior.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores-ensino de língua estrangeira

RESUMO

Con este artículo traemos la discusión sobre la formación de profesores de lenguas extranjeras y la enseñanza de estas lenguas en la actualidad. La base teórica se apoya en la extensa discusión sobre la formación de profesores, visando la práctica crítica reflexiva para la enseñanza de lenguas. El presente estudio se justifica principalmente por la crítica que hace a la formación de meros reproductores de técnicas de enseñanza, priorizando la formación reflexiva de profesores de lenguas extranjeras como necesario utilizar nuestra formación. Reflexionamos también sobre la situación de nuestros jóvenes así como el paso por nuestra educación superior.

UNITERMOS: formación de profesores- enseñanza de lengua extranjera

INTRODUÇÃO

Pesquisas sobre formação de professores de línguas têm demonstrado certo despreparo desses profissionais frente à diversidade e complexidade, características de contextos atuais de atuação. Resultado de uma concepção epistemológica de ensino, a formação de profissionais técnicos, voltados à solução de problemas práticos e imediatos, através da aplicação de teorias científicas, que se destacaram durante o século XIX.

Entretanto, este modelo de ensino, que fora imposto pela pedagogia da modernidade, está sendo substituído pelo modelo de formação reflexiva, que permite ao professor aperfeiçoar

¹ Mestre em Educação pela UCDB- Coordenadora do Centro de Idiomas do UNIVAG

sua prática, refletindo sobre sua própria ação, por meio da pesquisas. Conseqüentemente, o “professor-especialista” (Gómes,1992) cede lugar ao professor reflexivo, que participa ativamente de sua formação.

Considerando, pois, os objetivos deste estudo, buscamos sustentação teórica nas discussões sobre formação de professores e apresentamos as influências da legislação na formação de futuros professores de línguas estrangeiras, conforme definidos por Vieira-Abrahão (2002: 59): “a aprendizagem por meio da observação, o lugar da teoria na formação e a construção da prática pedagógica durante o estágio supervisionado”.

O DESAFIO

Conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais, assim como para aprimorar a nossa formação é primordial nos tempos de hoje. Pela experiência com crianças e adolescentes em geral, sabemos que tem uma facilidade extraordinária para aprender língua estrangeira, não apenas em uma mais em várias, e com muita perfeição. O estudo realizado nos Estados Unidos comprovam, esta afirmação.

A pesquisa, feita naturalmente por cientistas apenas confirma nossa experiência. Temos passado por situações bem proveitosas com crianças, no cotidiano da nossa prática como na participação de um evento realizado no Centro de Idiomas- UNIVAG os professores que palestraram somente em língua estrangeira, as crianças conseguiram entender e até participar com muita desenvoltura, enquanto os adultos, se recuavam para se expressar, por medo a errar. Pelas línguas a criança amplia seu espaço, sua participação no diálogo familiar e comunitário.

Quando o estudante chega ao nível altura da educação superior, ele deveria estar pronto para dominar pelo menos dois ou três idiomas não sendo mais a idade de aprendizado de línguas diferentes e também não é nossa realidade. Nesta idade, a pessoa deveria estar equipada para o contato social, ou o para amplo diálogo associativo. Para muitos é o primeiro contato. Como professora da educação superior tenho tido vastos e variados contatos com jovens que se esforçam por aprender um pouco de inglês ou espanhol ou

uma outra língua estrangeira. Exigimos de pronto um bom desempenho no estágio supervisionado, observamos o desempenho dos nossos estagiários que comentem equívocos como por exemplo aquele que não pronuncia corretamente os termos “green peace”, ao referir-se a um jornalista de um canal de televisão.

Deixamos claros alguns pormenores, neste infortúnio, professores e alunos, já no nível universitário não têm culpa de nada. Somos apenas vítimas de políticas de educação mal aplicadas. A aprendizagem da Língua Estrangeira qualifica e permite maior compreensão das possibilidades de visão de mundo e de diferentes culturas. Facilitar o acesso à informação e à comunicações internacionais, necessárias para o desenvolvimento pleno do aluno na sociedade atual. Estabelece sólida formação acadêmica para os professores de ensino de línguas estrangeiras. Notamos no entanto, a dificuldade de formação de professores em alguns estados brasileiros.

No âmbito da Lei de Diretrizes e Bases de 1996 e do Parecer nº do Conselho Nacional de Educação as línguas estrangeiras modernas recuperaram, de alguma forma, a importância que durante muito tempo lhes foi negada. Consideradas, muitas vezes e de forma injustificada, como pouco relevantes, elas adquirem, agora, a configuração de disciplina importante como qualquer outra, do ponto de vista da formação do aluno. A legislação, por si só, não pode ser condição para garantir um ensino de qualidade. Sua própria implementação depende de muitos fatores, não só de ordem econômica, mas também da vontade política de governantes, alunos, pais e professores. A grande vantagem da LDB, em relação ao ensino de línguas estrangeiras, é que ela apresenta mais aspectos positivos do que negativos, fazendo com que a maior preocupação do professor esteja, não em modificar a lei, mas em fazer com que ela seja implementada e cumprida.

O problema maior da LDB pode ser a falta de condições para que ela seja efetivamente implementada, o que nos coloca na estranha situação de não estarmos à altura da lei que temos. Isso, a princípio, pode ser preocupante, mas talvez seja mais um aspecto positivo, como a adoção de um ou dois idiomas nas escolas de ensino médio. Na pior das hipóteses temos que evoluir, temos que melhorar para que possamos cumprir a lei. O que se deve

fazer, portanto, não é tentar mudar a lei, mas criar condições, com urgência, para que ela possa ser cumprida em nossa sociedade.

É preciso pensar no processo de ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras em termos de competências abrangentes e não estáticas, uma vez que uma língua é o veículo, por excelência, de comunicação de um povo e, através de sua expressão, esse povo transmite sua cultura, suas tradições e seus conhecimentos. E quando o aluno não aprende é problema do professor, mas no nível universitário o grande responsável é a defasagem cronológica do ensino de línguas estrangeiras. Ao ingressar na Universidade o jovem estudante já deveria dominar alguns idiomas estrangeiros. Ele já teria exercitado sua capacidade natural para o complexo processo do domínio de uma língua estrangeira, o que não é nosso caso. O resultado de nosso processo pedagógico no ensino de língua estrangeira é evidenciado pelo levantamento das quantidades de aulas que nossos estudantes têm desde o primeiro grau até a universidade. Ao chegar a universidade cada estudante deveria ser capaz de conhecer e dominar no mínimo duas ou mais línguas estrangeiras para poder interiorizar os grandes mestres e compreendê-los em sua língua original.

No Brasil, os estudante de hoje, profissionais de alto nível como poderão manter-se a par das inovações em seu ramo? Como não puder interiorizar nos periódicos especializados, ou como participar dos congressos ou teleconferências? Que faria se não fosse fluente em um curso de idiomas? Como fica hoje a qualidade de um profissional que não consegue ler ou compreender em uma outra língua além de seu escasso conhecimento em língua materna? Ele está condenado meramente a ficar para trás ou poderá estar fadado ao fracasso, pois a nossa sociedade evolui de uma forma muito rápida e se não acompanharmos essa evolução ficamos indiscutivelmente para atrás.

AS POSSIBILIDADES

O domínio das línguas e da linguagem tem estrita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por seu intermédio que o homem se comunica, tem acesso a informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo,

produz conhecimento. Assim a formação de professores de língua estrangeira tem a responsabilidade de participar na democratização social e cultural para garantir uma educação superior de qualidade. O professor de língua estrangeira deve refletir sobre experiência de sua própria formação, pois necessita ter *clareza sobre as possibilidades e fins do ato de se formar*. Preocupar-se com a formação dos professores que ensinam línguas estrangeiras é dar um passo firme para o futuro. Não é só preocupação com a formação profissional e científica. O conhecimento da língua estrangeira, abre caminhos e possibilidade para grandes projetos, pesquisas, empregos. Através dos contatos diplomáticos surgem possibilidades de intercâmbios culturais Além de muitas outras vantagens culturais?

Infelizmente poucos sabem o extraordinário prazer que se têm em conhecer e ler as obras originais dos grandes mestres da humanidade. A tradução não consideramos que seja o caminho correto, estaremos privando o nosso estudante do intercambio cultural, já que essa experiência é única e intransferível.

É preciso pensar o ensino e a aprendizagem das línguas estrangeiras em termos de competências dinâmica e abrangente. Uma língua é o veículo de comunicação de um povo por excelência demonstrada por intermédio através de sua forma de se expressar e de transmitir sua cultura, suas tradições, seus conhecimentos. Daí, ser de fundamental importância conceber o ensino de um idioma estrangeiro objetivando a comunicação real, pois, dessa forma, os diferentes elementos que a compõem estarão presentes, dando amplitude e sentido a essa aprendizagem, ao mesmo tempo em que os estereótipos e os preconceitos deixarão de ter lugar e, portanto, de figurar nas aulas.

Entender a comunicação como uma ferramenta imprescindível no mundo moderno, com vistas à formação profissional, acadêmica ou pessoal, deve ser a grande meta do ensino de L.E nas universidades.

CONCLUSÃO

A formação de um professor de língua estrangeira envolve aspectos acadêmicos e mudança ao novo. Este artigo enfocou alguns aspectos dessa formação, considerando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o papel da educação superior e principalmente as implicações que podem advir do ensino de uma língua estrangeira, na atualidade.

Entendemos que a formação de um professor de L.E, competente, crítico e comprometido com a educação é uma tarefa extremamente complexa, difícil de ser completada num curso de graduação, por envolver aspectos lingüísticos e políticos da natureza humana. Lingüisticamente, a expectativa de que o professor de L.E, seja competente o suficiente motivar o aluno para o aprendizado de nova língua, tocando o ser humano naquilo que ele possui de mais essencial, que é a capacidade da fala. Podemos dizer, também que é necessário que o professor seja suficientemente crítico para perceber as relações de poder que se estabelecem entre falantes de diferentes países quando se comunicam através de uma língua estrangeira, e que possa definir o lugar do aluno nesses eventos comunicativos, não apenas como receptor, mas também produtor de informação se preparando para formar um excelente profissional do futuro.

Nos dias atuais conhecer duas ou três línguas estrangeiras favorece ao estudante quando do enfrentamento do mercado de. Como vimos anteriormente, somos todos, professores, alunos e a própria universidade, afetados por uma sociedade em constante mudança. Transmitimos valores não só pelo que fazemos, mas também pelo que somos. Os estudantes, por sua vez, também precisam saber que o desenvolvimento individual, da comunidade e do país- depende da habilidade em conduzir negociações nas novas relações de poder que se estabelecem com o uso da língua estrangeira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J.C.P (Org.). (1999). O Professor de Língua Estrangeira em Formação. Campinas, SP: Pontes.

BOHN, Hilário (2000) Os aspectos ‘políticos’ de uma política de ensino de línguas e literaturas estrangeiras. *Linguagem & Ensino*, v. 3, n. 1, p. 117-138. Pelotas: Educat.

CAIXETA, Jeane Maria. (2000). A implantação do Espanhol como língua estrangeira na escola pública; a experiência de Uberlândia. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional sobre Políticas de Ensino de Línguas Estrangeiras, Pelotas: UCPEL/ALAB.

COSTA, Maria José. (2000). Formação de professores de língua estrangeira; Projeto Magister Letras UFSC. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional sobre Políticas de Ensino de Línguas Estrangeiras, Pelotas: UCPEL/ALAB.

GONÇALVES, Carmen Cynira Otero. (2000) APFRS – Associação dos Professores de Francês do Rio Grande do Sul. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional sobre Políticas de Ensino de Línguas Estrangeiras, Pelotas: UCPEL/ALAB.

KUNDMANN, Maria Sabina. (2000). Situação das línguas estrangeiras nas escolas públicas estaduais de São Paulo. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional sobre Políticas de Ensino de Línguas Estrangeiras, Pelotas: UCPEL/ALAB.

MATTIAUDA, Maria Luján. (2003) *A formação continuada em serviço* – professores de língua estrangeira. In: JOERKE, Gabriel Antonio Ogaya (Coord.) *(Re)construindo e integrando saberes e fazeres no 3º grau: uma perspectiva dialógica*. Cuiabá. Defante.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. (1998). *Read, read, read*; 5a. série. São Paulo: Ática, AJAGOPALAN, 2003: 69

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. (1997). A identidade do professor de inglês. *APLIEMGE: ensino e pesquisa*. n. 1, p. 9-17. Uberlândia.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (1992). Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado como Foco de Pesquisa na Formação do Professor de LE. *Contexturas: Ensino Crítico de Língua Estrangeira*. (1): 49-54.

_____. (2002). Teoria e prática na formação pré-serviço do professor de língua estrangeira. In: GIMENEZ, T. (Org.). *Trajetórias na formação de professores de línguas*. Londrina: Editora UEL.

VIEIRA, Sofia Lerche. (1991). O discurso sobre a universidade nos anos 80. In: *Cadernos CEDES*. São Paulo, nº 25.